

## Ensaio sobre socialização: incursões em noções de Pierre Bourdieu

Marilândes Mól Ribeiro de Melo\*

### Resumo

Este escrito objetiva traçar algumas nuances capazes de contribuir para a compreensão da ideia de socialização, com base na observação de algumas produções de Pierre Bourdieu. Entender socialização na produção desse notável sociólogo é um exercício complexo e importante. Demanda apreender a socialização como resultante da incorporação de um determinado *habitus* construído por uma multiplicidade de fatores. Desse modo, observar algumas noções como família e herança familiar, tempo e distância da necessidade, *violência simbólica*, *illusio*, desejo de aceitação e pertencimento contribuem enormemente para a possibilidade de operacionalizar com esta categoria, uma vez que para Pierre Bourdieu, eles precisam indicar fortes relações com a pesquisa. Assim, este ensaio mostra que a socialização como um objeto relevante para o entendimento dos fenômenos sociais pode ser definida pelos fatores acima mencionados, quando inscritos nas práticas.

**Palavras-chave:** Socialização. Herança Familiar. Tempo. Pierre Bourdieu.

\* Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal Catarinense – Câmpus Araquari (IFC). E-mail: marilandes.melo@ifc-araquari.edu.br

## Essay about socialization: incursions in Pierre Bourdieu's notions

## Ensayo sobre socialización: incursiones em nociones de Pierre Bourdieu

### Abstract

The objective of this essay is to trace some nuances that can be able to contribute to the comprehension of the idea about socialization, based on Pierre Bourdieu's theory. Understanding the socialization in the production of this notable sociologist is an important and complex exercise. Also, it is important to understand socialization as a consequence of the incorporation of a specific *habitus* built by multiple factors. Thus, pointing out some notions as family and family heritage, time and distance from the necessity, symbolic violence, *illusio*, desire for acceptance and belonging contribute for the possibility of operationalizing that category since, for Pierre Bourdieu, such notions need to indicate strong relations with the research. Therefore, this essay shows that the socialization, as a relevant object for the comprehension about social phenomena, can be defined by the factors previously mentioned, when they are inscribed in the practices.

**Keywords:** Socialization. Familiar heritage. Time. Pierre Bourdieu.

### Resumen

Este escrito trata de trazar algunos matices capaces de contribuir a la comprensión de la idea de socialización, basándose en la observación de algunas producciones de Pierre Bourdieu. Entender la socialización en la producción de este notable sociólogo es un ejercicio complejo e importante. Demanda aprehender la socialización como el resultado de la incorporación de un determinado *habitus* construido por una multiplicidad de factores. De este modo, observar algunas nociones como familia y herencia familiar, tiempo y distancia de la necesidad, *violencia simbólica*, *illusio*, deseo de aceptación y pertenencia contribuyen enormemente a la posibilidad de operar con esta categoría, ya que para Pierre Bourdieu, precisan indicar fuertes relaciones con la investigación. Así, este ensayo muestra que la socialización, como un objeto relevante para el entendimiento de los fenómenos sociales, puede ser definida por los factores mencionados anteriormente, cuando se inscriban en las prácticas.

**Palabras clave:** Socialización. Herencia Familiar. Tiempo. Pierre Bourdieu.

## Introdução

Estudos realizados por sociólogos renomados (DURKHEIM, 1977, 1983; DUBAR, 2005; BERGER; LUCKMAN, 2009; PLAISANCE, 2003 dentre outros) têm demonstrado, que a categoria de socialização é relevante para o entendimento dos fenômenos sociais. Assim sendo, este artigo buscará de modo mais específico traçar algumas possíveis nuances que permitem a construção da ideia de socialização, tendo como fundamento a observação de algumas produções de Pierre Bourdieu. Apropriar-se dessa ideia na produção desse notável sociólogo é um exercício complexo, tendo em vista que ao longo de sua produção acadêmica ela não foi uma de suas prioridades. A complexidade desse exercício consiste em compreender que seus conceitos são operacionais e indicam fortes relações com a pesquisa, além de uma preocupação em descrever fenômenos sociais, e este ensaio extrapola a operacionalização do conceito gerado pela prática da pesquisa porque emergiu de uma disciplina<sup>1</sup> cursada no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e de pesquisa de tese que ampliou a reflexão das possibilidades implícitas neste conceito.

Inferimos que refletir sobre socialização nos padrões bourdieusianos demanda pensar o agente como resultante da incorporação de um determinado *habitus* que, por sua vez, está intrinsecamente ligado ao trânsito em um *campo* específico, no qual ele ocupa uma posição demarcada que lhe permite desenvolver disposições de acordo com o seu volume de capital. Bourdieu não explicita abertamente aos seus leitores, ao longo de sua produção intelectual, a ideia de socialização como já explicitado. Ao contrário, podemos ler em alguns vestígios, nas pistas sutis, nas falas nas entrelinhas e na vivacidade que o teórico coloca naquilo que parece mais insignificante, e que precisa ser pensado de modo relacional, o que pode possibilitar uma aproximação com a ideia de socialização.

O fato de sociólogos, tanto clássicos, quanto contemporâneos se debruçarem sobre a noção de socialização, ratifica sua relevância, quando relacionado aos fenômenos sociais e educacionais, mais precisamente. A socialização é uma estrutura objetiva que interfere de maneira irretor-

quível no modo como o agente transita no espaço social. Portanto, perseguir as pistas distribuídas por Bourdieu ao longo de sua produção acadêmica é recompensador pela acuidade que se pode dar à interpretação a partir da objetivação encontrada em seu relevante *modus operandi*, dado por seu pensar relacional.

Pretendemos assim, desenhar a ideia de socialização na perspectiva bourdieusiana por meio da seguinte via: de uma apresentação rápida do sociólogo à sua percepção dos objetos e sua hierarquia na prática científica ao acionamento de aspectos que circundam suas produções: família e herança familiar, tempo, distância da necessidade, violência simbólica, *illusio*, desejo de aceitação e pertencimento dentre outros, uma vez que estas categorias podem fornecer o tom da socialização de um agente.

## Breve apresentação de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu é daquelas personalidades tão conhecidas que não precisam ser apresentadas (CHAMPAGNE, 2004, p. 8).

Pierre Bourdieu (1930-2002) é um renomado sociólogo francês cuja produção teórica tem sido amplamente conhecida e reconhecida no mundo intelectual e acadêmico. Seus estudos, inicialmente inspirados na filosofia clássica, e posteriormente fundamentados no conhecimento sociológico, fizeram com que a sociologia se constituísse para ele, como o seu “esporte de combate”. Após migrar da filosofia, seu campo de origem, seus interesses se espalharam pelos mais distintos objetos e objetivos sociológicos, buscando inclusive nas “banalidades” cotidianas a possibilidade de desvelar os radicais das práticas sociais.

Patrick Champagne (2004, p. 7), na obra *Os usos sociais da ciência*, um trabalho resultante de uma série de conferências e debates organizados pelo INRA2 no ano de 1977, faz uma apresentação do teórico que permite construir uma percepção da amplitude e alcance de sua obra, ainda que segundo ele tenha sido tentado a responder que “Pierre Bourdieu é daquelas personalidades tão conhecidas que não precisam ser apresentadas”. Champagne (2004, p. 8) qualifica a reflexão desenvolvida por Bourdieu como importante e densa, complexa, “obra de toda uma vida”.

As reflexões iniciais de Bourdieu datam de sua estada na Argélia, em tempos de serviço militar e de experiências vividas no Béarn, sua cidade natal, quando se dedicou ao entendimento das crises campesinas desses lugares. Desses estudos resultaram a publicação dos trabalhos *Le déracinement, la crise de l'agriculture en Algérie*, de 1964 e *Algérie 60, structures économiques et structures temporelles* de 1977, como complemento. Anteriormente, no ano de 19583, Bourdieu havia publicado a obra *Sociologie de l'Algérie*, posteriormente publicada com o título *Travail et e travailleurs en Algérie*, na coleção *Que sais-je?* porém, sem muito sucesso. Toda essa experiência adquirida pelo principiante Bourdieu foi fundamental para o desenvolvimento, para a construção de conceitos pilares de sua obra como *habitus*, *reprodução*, *campo*, *capital*, *dominação*, *violência simbólica*, entre outros. Após isso Bourdieu passa a orientar pesquisas no Centro de Sociologia Européia, que se dedicava, dentre outros temas, à compreensão do sistema de ensino na França.

Nesse período o sociólogo publicou duas obras impactantes que estremeceram os pilares da educação na França: *Les héritiers*, em 1964 em parceria com Jean-Claude Passeron; obra que evidenciou “o papel do capital cultural na seleção escolar” (CHAMPAGNE, 2004, p.10) e *La reproduction*, em 1970, que desencadeou muitas interpretações equivocadas por parte daqueles “que se detém apenas nos títulos” das obras de Bourdieu. No primeiro trabalho Bourdieu em parceria com Passeron estabelece uma relação entre o sucesso escolar e herança cultural. São os herdeiros culturais que apresentam os melhores resultados e escolhem as carreiras mais prestigiosas. Bourdieu denuncia que a escola francesa é uma instituição de herdeiros, de herdeiros culturais e coloca em cheque os discursos da democratização da educação. Desmistifica esse ideal de democracia da educação francesa, demonstrando que o sucesso se dá por meio das variáveis sexo e origem social, afirmando que a escola seleciona, classifica e exclui.

*La reproduction* corroeu, colocou por terra, o discurso até então em voga na França daquele contexto, que afirmava a democratização da educação pública. Champagne (2004, p.11) afirma que *La reproduction* permite muito mais que pensar a escola como reprodutora da estrutura

social. Para ele a obra foi um pré-texto, no qual Bourdieu se inspirou “para desenvolver um novo sistema conceitual, apoiado principalmente sobre uma noção que teria, ela própria, muito futuro: a noção de violência simbólica”. Muitas produções ressignificaram essas duas, e outras muitas as procederam e exigiram grande fôlego como, por exemplo, *La distinction* de 1979, que contribuiu para a teorização das classes sociais, por abordar processos de diferenciação e permitir construir “uma teoria sociológica das categorias que organizam a percepção do mundo social e que por isso contribuem para produzi-lo” (CHAMPAGNE, 2004, p. 11). A obra *Le sens pratique* vem em 1980 aprofundar a anterior. Nela Bourdieu “propõe uma teoria do conhecimento sociológico, esforçando-se por situar sua sociologia com a corrente objetivista simbolizada, na antropologia, por Lévi-Strauss, e com relação às correntes subjetistas representadas pela fenomenologia sartriana” (CHAMPAGNE, 2004, p. 11).

A dedicação de Bourdieu ao estudo do sistema de ensino francês<sup>4</sup> ocorre a partir de 1964, como vimos, quando ele amplia seus estudos aos campos da produção erudita, que o leva a romper, por meio dos estudos específicos do campo científico, “com a tradição dominante da sociologia da ciência e sua visão conciliadora da ‘comunidade científica’” (CHAMPAGNE, 2004, p. 12). *Les règles de l'art – gênese et structure du champ littéraire* publicada em 1992, contribuiu para a proposição de uma teoria geral dos campos, para a reflexão do que é uma revolução simbólica e igualmente sobre a “função social dos intelectuais”. Já a *La misère du monde* de 1993, manifesta a generosidade de Bourdieu ao procurar “tornar acessível, para além do círculo de profissionais, as análises mais avançadas da sociologia” (CHAMPAGNE, 2004, p. 13-14) e, ao mesmo tempo, constitui-se em uma resposta as críticas de que vinha sendo alvo e que, diziam respeito ao caráter parcial de sua produção, acusada de favorecer unicamente os dominantes.

A história da vida de Bourdieu está na história da sua produção acadêmica. Isto não significa enquadrá-lo dentro de uma linearidade, mas sim compreender que sua trajetória se deu na descontinuidade, nas posições, disposições e justaposições por vezes irracionais, singulares e de difícil apreensão, por serem muitas vezes

imprevistas, aleatórias, fora de propósitos e que fogem da tradição da linearidade de uma história. Bourdieu foi um sociólogo ousado. Essa ousadia fez com que ele elaborasse vários conceitos imprescindíveis para a interpretação do mundo social, especificando-os, detalhando-os, e assim consolidando-os a cada nova obra que produzia.

Loiq J. D. Wacquant reafirma a importância das contribuições e das aplicações da produção teórica de Bourdieu para a pesquisa empírica, contudo ressalta a constituição de *Actes de la recherche en sciences sociales*. Para Wacquant esta criação é

uma das mais nítidas, embora pouco conhecidas, de suas contribuições para o avanço da ciência social: a criação de *Actes de la recherche en sciences sociales*, um “grupo de trabalho sociológico” permanente, constituído para derrubar as barreiras do formalismo acadêmico, das disciplinas e do pensamento social pré-construídos, assim como para desenvolver um genuíno internacionalismo científico capaz de restaurar a unidade de uma ciência social autocrítica (WACQUANT, 2002, p. 95).

Sobre o legado de Pierre Bourdieu, Wacquant enfatiza ainda:

os maiores pensadores de qualquer época são aqueles que não apenas ‘fazem descobertas’ importantes [...], mas também são aqueles que causam naqueles à sua volta uma mudança no modo de pensar, indagar e escrever. Pierre Bourdieu pertence a essa categoria, pois ele alterou para sempre a maneira como os estudiosos da sociedade, da cultura e da história em todo mundo [...] concebem e exercem seus ofícios (WACQUANT, 2002, p. 95-96).

Muito deixou de ser dito a respeito desse teórico que ao fazer “provocações” sociais, instiga sociólogos, intelectuais, educadores, administradores, historiadores, antropólogos, dentre outros, a compreender o mundo, o seu lugar nele, bem como as possibilidades de fazer parte desse jogo social, que é o jogo da vida, a partir de sua desnaturalização. Transitando entre o complexo e a simplicidade, Bourdieu sempre preservou a vigilância epistemológica, no uso de uma “emoção raciocinada” que buscou “disciplinar as intermitências do afeto pelo jeito

provocativo de apreender o mundo social”, na análise elaborada por Sérgio Miceli (2005, p. 7).

Bourdieu é um sociólogo que não dispensa apresentação por sua trajetória excruciante, acuidade teórica e metodológica, pela “irradiação incontestável” de uma obra que “remete a novos desafios” e pela necessidade de “inventar não somente ideias, mas novas formas de intervenção social”, de acordo com a perspectiva de Ione Ribeiro Valle (2007, p. 133). Foi um sociólogo que não hierarquizou a ciência nem seus objetos, que buscou na banalidade, na cotidianidade, na simplicidade e na não validação dos modismos tirar o véu daquilo que parece natural. Na busca da desnaturalização do mundo, Bourdieu não banalizou a ciência no processo de análise do espaço social e muito menos no processo de autoanálise. Desta forma ao não se debruçar sobre o conceito de socialização, provavelmente não o fez por considerar socialização como um objeto menor, mas talvez pela relação com o próprio tempo, que abreviou certamente uma produção rica e consistente, aberta a uma infinidade de avanços.

A percepção de Bourdieu sobre os objetos e sua hierarquia na prática científica

...certas revoluções científicas foram o produto da importação para domínios socialmente desvalorizados das disposições correntes nos domínios mais consagrados (BOURDIEU, 1998, p. 35).

Bourdieu em seu método científico ensina que a hierarquia social dos objetos, ou seja, conceder-lhes nobreza ou ignorá-los, legitimá-los ou não, sinaliza que o cientista não se apoderou de modo suficiente da ciência. O sociólogo indica que a hierarquização dos objetos de pesquisa científica gesta questões complexas, tais como: a censura de um campo específico do conhecimento; o mascaramento de censura política; os mecanismos ideológicos que conduzem as falas e os temas de pesquisa; a redundância dos objetos e dos objetivos e a definição de lucros materiais e simbólicos ao pesquisador, dentre outras questões.

Para Bourdieu (1998, p. 35) as disposições herárquicas dos objetos afastam os cientistas dos métodos e dos ob-

jetos desprestigiados em determinados tempos. Ele afirma que “certas revoluções científicas foram o produto da importação para domínios socialmente desvalorizados das disposições correntes nos domínios mais consagrados”. Admite também que o pesquisador é partícipe dos valores atribuídos aos seus objetos de estudo; que está inserido em um emaranhado sistema de classificação que o “pune” quando ele se dedica aos objetos considerados insignificantes, fúteis ou indignos, e que isso o induz a buscar reconhecimento em campos científicos fora do seu próprio domínio.

Para apreender a divisão que ocorre nos campos, e que é naturalizada, Bourdieu (1998, p. 36) considera importante analisar a forma que os objetos assumem ao se refletir sobre os eles, seja nos domínios da nobreza ou da futilidade científica. Nessa reflexão duas tendências podem prevalecer: “o grau de legitimidade e [...] o grau de prestígio no interior dos limites da definição”. Esses graus de legitimidade e de prestígio são dados por termos constituídos no interior do próprio campo, por sua própria estrutura. Essa mesma estrutura tende a encobrir os sistemas classificatórios, aparecendo como intrínsecos aos que nele transitam. De acordo com Bourdieu (1998, p. 37) a manutenção das hierarquias se sustém pelo “conflito ritual entre a grande ortodoxia do sacerdócio acadêmico e a heresia notável dos independentes inofensivos” e compõem os “mecanismos que contribuem para manter a hierarquia dos objetos e, ao mesmo tempo, a hierarquia dos grupos que dela tiram seus lucros materiais e simbólicos”. Ainda reitera o sociólogo:

a única maneira de escapar à relação ingênua de absolutização consiste, de fato, apreender como tal a estrutura objetiva que comanda essas disposições. A ciência não toma partido na luta pela manutenção ou subversão do sistema de classificação dominante, ela o toma por objeto (BOURDIEU, 1998, p. 38).

Bourdieu deixa claro que não cumpre à ciência provar a existência ou inexistência das hierarquais entre os objetos sociais e sim que ela destina-se a responder ao “como”, aos modos de circulação no entorno de cada um deles, sempre em relação com os demais. À ciência cum-

pre analisar as necessidades sociológicas da existência dos objetos, e não sobrepor

um julgamento de valor a outro julgamento de valor, mas constata o fato de que a referência a uma hierarquia de valores está objetivamente inscrita nas práticas e, em particular, na luta da qual essa hierarquia é o objeto de disputa e que exprime em julgamentos de valor antagônicos (BOURDIEU, 1998, p. 38).

Todos os campos do conhecimento e produções culturais são potencialmente objetos científicos e a ciência precisa dessacralizá-los para construir e reproduzir para se comunicar. Ela necessita escapar à pretensão de pureza que a afasta das necessidades sociais e que a constitui refém das demandas, sejam sociais, políticas ou econômicas.

### ***Aspectos possibilitadores da compreensão de socialização***

Ainda que Pierre Bourdieu não tenha se debruçado de modo específico sobre estudos definidores do que vem a ser socialização, sua obra oferece elementos que permitem refletir sobre o que se pode compreender por socialização. Entendemos que para pensar essa categoria é necessário acionar distintos aspectos que circundam suas produções. Dentre esses destacamos algumas ideias como família, herança familiar, tempo, distância da necessidade, violência simbólica, ilusão, desejo de aceitação e pertencimento.

Ao dedicar uma breve reflexão sobre “o espírito de família” em seu estudo *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*, Bourdieu (1996, p. 124) define família como “um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou excepcionalmente por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”. O autor adverte sobre a ideia de família ser uma ficção erigida por um léxico recebido do mundo social e que aceitamos como realidade. Desta maneira, para o sociólogo “a família que somos levados a considerar como *natural*, porque se apresenta com a aparência de ter sido sempre assim, é uma invenção recente” (BOURDIEU, 1996, p. 125). Assim mais que aceitar uma construção

verbal sobre família, importa pensar nas representações que os indivíduos fazem sobre ela, seja no discurso do senso comum ou de especialistas. Bourdieu (1996, p. 125) assinala que se trata de atribuir a um grupo as propriedades de um indivíduo; a ideia de família transcende os membros que a compõem: é “uma personagem transpessoal dotada de uma vida e de um espírito coletivos e de uma visão específica do mundo”. Há uma suposição que a família existe em um universo paralelo e que busca perenizar as fronteiras e orientar a “idealização do interior como sagrado”, como ato de resistência às investidas do exterior; “separada pela barreira simbólica da soleira”, ela salvaguarda o domínio do privado, da intimidade, por meio de um discurso que parece torná-la um agente ativo, capaz “de vontade, de pensamento, de sentimento e de ação apoiados em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito à maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo” (BOURDIEU, 1996, p. 126).

Para Bourdieu (1996, p. 126) família muito mais que uma palavra, é uma “palavra de ordem”, um “princípio coletivo de construção da realidade coletiva”, uma ficção social objetiva e subjetiva, quase universalmente aceita e que constitui o *habitus*, estrutura mental inculcada nas mentes socializadas de um determinado modo, concomitantemente individual e coletivo que geram sentido ao mundo social. Muito mais que pertencer a uma família, na sociedade moderna há uma “norma tácita impositiva”: é preciso constituir família para não ser visto como um indivíduo incompleto, mutilado. Assim “nada parece mais natural do que a família: essa construção social arbitrária parece situar-se no polo do natural e do universal” (BOURDIEU, 1996, p. 128). A ela está reservado também exercer um trabalho de instituição, isto é, a função de modelar os “corpos sociais” ritualmente e tecnicamente ao mesmo tempo, objetivando “instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade [...] sentimentos adequados a assegurar a *integração* que é a condição de existência e de persistência dessa unidade” (BOURDIEU, 1996, p. 129).

A transmutação da família de grupo ficcional em grupo real, de acordo com as análises bourdieusiana, se faz por meio

de um conjunto de trabalhos simbólicos e práticos que tendem a converter “a obrigação de amar em disposição amorosa e a dotar cada um dos membros dos membros da família de um ‘espírito de família’ gerador de devotamentos, de generosidades, de solidariedades” (BOURDIEU, 1996, p. 129). Estes devem conduzir ao esquecimento do arbitrário social, visando à manutenção da ordem social e a reprodução não exclusivamente biológica, mas principalmente social, ou seja, “na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais” (BOURDIEU, 1996, p. 131).

Assim, quanto mais bem sucedida for a atuação da instituição familiar no processo inicial de socialização, de integração do agente a um espaço social, melhor será sua inserção nas instâncias socializadoras posteriores. A socialização ocorre em uma estrutura que é objetiva e independente “da consciência e da vontade dos agentes”; é capaz “de orientar ou coagir suas práticas e representações” (BOURDIEU, 2004, p. 149). Assim, a atuação da família é determinante, pois a herança que impinge aos herdeiros indica distintas trajetórias, que por sua vez, permitem a aquisição ou a reconversão, em outros capitais como, por exemplo, opera o capital econômico, como estratégia para aquisição de outros capitais.

Bourdieu demonstra que tudo o que o indivíduo carrega como herança cultural e social, via de regra, é conseguido por meio da família e da instituição escolar. As aquisições indicam as relações que estabelecem as condutas frente à cultura e o modo como se utilizam as “armas” que se possui num jogo socializador que envolve assentimentos, refutas e permutas em campos estruturados e estruturantes que distribuem posições e disposições sociais. Desta maneira a herança familiar, emerge como fator de diferenciação, que oportuniza explorar a realidade social diretamente, e permite “colocar-se em prova” diante dos obstáculos não somente econômicos, mas essencialmente culturais que precisam ser superados pelos socializados, tendo em vista que as aptidões e atitudes estão enleadas à origem social, demonstrando que um ambiente familiar um pouco mais favorável proporciona uma socialização que aproxima esperanças e oportunidades. Assim a herança familiar se constitui em um mecanismo que subjaz e organiza as relações entre a herança cultural e social auferidas por intermédio da família:

o hábitat e o tipo de vida cotidiana que lhe estão associados, o montante de recursos e sua repartição entre os diferentes postos orçamentários, a intensidade e a modalidade do sentimento de dependência, variável segundo a origem dos recursos, como a natureza da experiência e os valores associados à sua aquisição, dependem fortemente e diretamente da origem social (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 28).

Tendo em vista que os “estilos de socialização” são demarcados pela maneira de adquirir e que esta se constitui daquilo que é adquirido (BOURDIEU; PASSERON, 2014), a força da herança familiar de modo *sui generis* exclui sem precisar excluir, pois os fenômenos ocorrem como “se somente fossem excluídos os que se excluem” de um processo de socialização legitimado socialmente. Desta maneira, “carregar” uma herança familiar que delega a herança da cultura legítima é favorecer “o sucesso”. O processo de socialização possui na herança familiar uma estrutura objetiva, que pode constituir-se em um impeditivo para uma socialização qualificada, considerando que o volume de capital herdado da família (econômico, cultural, social entre outros) pode operar ou não como elemento agregador ao capital adquirido na instituição familiar.

Persiste a ideia de que subjaz nas relações visíveis como, por exemplo, na herança familiar, as relações diferenciadas entre grupos e subgrupos. Assim, os modos de adquirir indicam os modos de colocar as aquisições em prática; as maneiras de praticar constituem-se marcadores privilegiados que distinguem as classes, as origens. Estar inserido precocemente e de maneira durável em certa condição que se define por um determinado grau de poder implica apropriar-se das possibilidades oferecidas ou recusadas por tal condição e contribui para instituir de modo durável nos corpos disposições de ser, na medida das potencialidades oferecidas por “espaços” como o familiar (BOURDIEU, 2001). As intervenções familiares aliadas às imposições das condições de existir favorecem os ajustamentos das vontades, das aspirações e dos desejos, conferidos nos processos socializadores.

Bourdieu (2007, p. 72) argumenta que as diferenças sociais são relevantes considerando que quanto me-

nores forem os recursos, menores serão também as familiaridades com “legitimidades”. Assim, podemos compreender igualmente que uma socialização é considerada legítima, quando transmitida por uma cultura igualmente legítima. As relações estabelecidas com a herança familiar designam um conjunto de padrões adquiridos de pensamento, de comportamento, de gosto, entre outros considerados como elo entre as estruturas sociais abstratas e a prática ou ação social concreta, que compõem sistemas de disposições duráveis e transmissíveis, ou seja, um *habitus* produzido pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente. Podemos compreender esse processo de aquisições, como o processo de socialização que por meio da família e da herança por ela legada, é capaz de aquilatar segundo seu volume de capital, as relações entre esperanças e oportunidades. Bourdieu (2001, p. 264) nota, ao analisar tais relações, que “as tendências imanentes do mundo social” comandam “as oportunidades vinculadas a um agente” e não são idênticas para todos, visto que os agentes não possuem as mesmas circunstâncias convenientes, tanto de ganho material quanto simbólico, dependendo de seu mundo social. Assim, o grau de dependência em relação à família separa radicalmente os graus de socialização de um agente no espaço social.

A movimentação de um agente, ou um grupo de agentes tendo em vista as noções que anteriormente abordamos nos orienta a interpretar a noção de socialização como um processo desenvolvido ao longo de um conjunto de produções de *habitus* diversos. Socialização emerge como aquilo que “designa a obtenção, ao longo do período de formação, das categorias e dos valores que fundamentam, justificam e explicam as práticas futuras” dos agentes (VALLE, 2008, p. 107). Afirmando que socialização implica um processo longo, podemos assemelhá-la à situação que demanda

uma relação particularmente livre com o que chamamos tempo, no sentido de suspensão da urgência, da pressa e da pressão das coisas a fazer, dos negócios, levando a que se considere ‘o tempo’ como uma coisa com a qual se estabelece uma relação de exterioridade, a de um sujeito perante um objeto (BOURDIEU, 2001, p. 253).

Nas relações entre *habitus* e mundo social se engendra a experiência. Esta permite vivenciar práticas no processo de socialização, que são dadas por “disposições de ser e de fazer” e de “regularidades de um cosmos natural ou social” (BOURDIEU, 2001, p. 255) que precisam dispor do máximo de tempo possível.

A socialização é um mecanismo reforçador do *habitus* praticado na vida cotidiana que, ao se buscar os radicais na aparência ordinária, desvela estruturas estruturadas e estruturantes<sup>5</sup> de pertencimento a diferentes grupos sociais, que se apropriam ou não de distintos dispositivos e jogos, e que se encontram inseridos em diversos campos nos quais se distribuem diferentes espécies e volumes de capital. O tempo como árbitro da socialização concede eficácia e duração ao processo socializador e está ligado à origem social dos socializados e dos socializadores.

Para socializar é preciso um “tempo vazio” com um ritmo específico, que distancie dos horários, das urgências, das necessidades, visto que uma socialização legítima e legitimada está relacionada a uma disposição estética que só pode ser alcançada “mediante uma espécie de retirada para fora da necessidade econômica” (BOURDIEU, 2007, p. 54). Ancorados nos fundamentos bourdieusianos, podemos afirmar que socializar demanda colocar o “tempo entre parênteses”, isto é, assegurar “o tempo vazio que é preciso” e que se “contrapõe ao tempo cheio [...] daquele que se entrega por inteiro” às emergências da rotina cotidiana (BOURDIEU, 2001, p. 273-274). Contudo existem imperativos econômicos e sociais nos quais os agentes estão inseridos que fornecem condições particulares e concedem o matiz a partir da relação que se estabelece com o tempo. É por meio do tempo, disponível ou não, que o agente se perpetua ou se transforma durante processo de socialização.

Observando as argumentações de Bourdieu (2007, p. 9) reiteramos que a socialização demanda “o peso relativo da educação familiar”, e que tal processo requer uma relação de quase ludicidade com as “necessidades do mundo”. A socialização é demarcada pela necessidade ou não de atender aos clamores imediatos de produzir a vida material, que varia segundo grupos de pertencimento e isso interfere justamente no tempo de socialização,

expandindo-o ou comprimindo-o, gerando efeitos de condições específicas de existência, e de “representação social do próprio corpo com a qual cada agente” socializado “deve contar” (BOURDIEU, 2007, p. 183).

A socialização é um processo que não se constitui fora de um campo; ela envolve distintos volumes de capital; estes, por sua vez estruturam diferentes *habitus*, o que nos orienta a considerar que estes espaços exercem determinadas funções, comunicando, enculcando uma cultura legítima, selecionando e legitimando. Socialização figura, portanto como um sistema de relações que se dá entre instituições como a família, a escola e a igreja, e as instituições que estruturam os diversos grupos de agentes e classes sociais.

Ela “se constitui enquanto tal à medida que seu poder de construção dos fatos se [afirma] no trabalho sobre os fatos” (BOURDIEU, 1982, p. 11). Por meio da socialização ocorrem sucessivas transformações nas quais cada “ponto de vista”, modo como os agentes observam as ações, as interações e o objetivismo que constituem seu mundo social, são determinadas pela posição e capacidade de entender o jogo social e saber manejar e remanejar seus movimentos de acordo com as regras, considerando “o desenvolvimento desigual dos diferentes momentos” (Bourdieu, 1982, p. 12), da história das classes sociais, de seus jogos e normas.

Os jogos e suas normas englobam as estruturas estruturantes da herança familiar, do *capital* e do próprio *habitus*. A noção de socialização segundo as evidências deixadas por Bourdieu orienta-nos a pensar que ela pode se prestar a múltiplas interpretações, considerando que ele permite diferentes compreensões por ocupar uma posição que é “ao mesmo tempo ambígua e emite no campo ideológico, pela multiplicidade de suas utilizações” (BOURDIEU, 1982, p. 12). Podemos afirmar a flexibilidade da noção de socialização no tempo, visto que esse fenômeno ocorre a partir das condições objetivas “institucionais e sociais, que fazem com que uma instituição possa declarar expressamente sua prática [...] enquanto tal sem trair a verdade objetiva dessa prática” (BOURDIEU, 1982, p. 13). A socialização torna tanto as instituições, quanto as condições sociais legítimas, lem-

brando continuamente as relações de origem que unem a imposição de um arbitrário e um conteúdo imposto.

Outra ideia instigadora é pensar que socialização pode ser entendida como uma espécie de *violência simbólica* legitimada e que possui como arbitrário uma ação não violenta, mas que fornece uma unidade significativa às ações. Socializar desponta como um modo de exercer *violência simbólica*, na esfera da relação socializadores/socializados. A *violência simbólica*, no aspecto referente à socialização, constitui-se como uma forma social que substitui a intervenção no corpo (violência física) do socializando. O ato socializador se revela como *violência simbólica* a partir do enfraquecimento dos modos de imposição mais autoritários, que renunciam “as técnicas as mais brutais de coerção”, que em determinados tempos “pareciam justificar, mais do que nunca, a fé otimista na moralização da história só pelas virtudes do progresso técnico e do crescimento econômico”, segundo Bourdieu (1982, p. 14). Ainda assim podemos inferir que socializar “mesmo quando exclui recurso aos constrangimentos mais brutais e mais visíveis dos antigos modos [...], essa violência doce continua a se apoiar numa relação de força que ressurgue na ameaça da dispensa e no temor, mais ou menos sabiamente reavivada” (BOURDIEU, 2001, p. 251).

Compreender a ideia de socialização a partir da reflexão de Pierre Bourdieu (1982, p. 14) é enveredar-se por caminhos que são complexos, visto que está impregnada de forças – históricas, sociais, econômicas, geográficas, culturais entre outras – “que a cada época, constroem a verdade das relações de força a se revelar, nem que seja pelo fato de obrigá-las a se ocultarem cada vez mais”.

Socializar é impor significações, legitimá-las, e ao mesmo tempo dissimular as relações de força que estão em seus fundamentos para agregar força a si; é exercer força simbólica. Implica na inculcação de um poder arbitrário; de um determinado arbitrário cultural que é produto das “estruturas estruturadas e estruturantes” do meio social do qual a prática socializadora se origina. É entendido pelo socializando como necessária, até mesmo natural, visto que está “no princípio dos esquemas de percepção e de apreciação por meio das quais são apreendidas” como propõe Bourdieu (2009, p. 88). A ação transformadora

da socialização é mais eficaz quando exercida de modo que escape à vista, e de modo capcioso por meio da familiarização com um determinado mundo físico “simbolicamente estruturado e por meio da experiência precoce e prolongada de interações animadas pelas estruturas” (BOURDIEU, 2001, p. 205).

Desta maneira, socializar aparece como favorecedora da “transformação da libido originária, isto é, dos afetos [...] constituídos no campo doméstico, [...] em favor de agentes ou instituições pertencentes ao campo”. É o “processo de transformação pelo qual alguém se torna” (BOURDIEU, 2001, p. 199-200), aquele que é e inicia-se na infância. De acordo com Bourdieu até mesmo antes do nascimento e se estende em quase todo o seu tempo “sem crises nem conflitos”, o que não o isenta de “todo tipo de sofrimentos morais ou físicos”, que como testemunhas compõem as “condições de desenvolvimento da *illusio*” (BOURDIEU, 2001, p. 200-201). Socializar é fazer acreditar que o jogo merece e vale à pena ser jogado. É prender o agente ao jogo de uma maneira lúdica:

preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar [...] é dar importância a um jogo social, perceber que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele [...] É ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos [...] Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social (BOURDIEU 1996, p. 139-140).

Assim como “peças” que compõem o tabuleiro, não é possível identificar nesse processo de socializar quem estabelece as preferências, se os agentes ou as instituições. Trata-se de uma escolha mútua.

O espaço doméstico é o lugar da complexidade da socialização, visto que ele precisa proporcionar a travessia entre as esferas privada e pública. Sua função reside em

proporcionar mecanismos que instiguem o agente a abandonar o narcisismo. Este faz com que o agente se tome como “objeto de desejo”; desejo esse que deveria ser canalizado para outra pessoa, permitindo acesso ao mundo das relações “sob a forma do microcosmo social originário, e dos protagonistas do drama” (BOURDIEU, 2001, p. 201). Drama que se desenrola no tabuleiro do processo socializador e que se fundamenta no impulsionar o que está na base de todas as finalidades, ou seja, a busca pelo reconhecimento, o desejo de pertencimento e de aprovação do outro.

Socializar é compelir o agente a assumir o “ponto de vista” de outro em relação a si mesmo e a tomá-lo como seu próprio. Isso ocorre na tentativa de descobrir e avaliar antecipadamente, o modo como será definido pelo outro. É fazer-se um “ser-percebido, condenado a ser definido em sua verdade pela percepção dos outros” (BOURDIEU, 2001, p. 202). É o agente deixar-se “dominar” pelo desejo de estima, reconhecimento, crédito e confiança dos outros, perseguindo a perpetuação a partir do momento em que consegue conquistar a “crença em sua existência”, descartando as estratégias que lhes apresente como arriscadas e fundamentadas em suas experiências (DUBAR, 2005). O agente ratifica a sua “rendição” a essa regulação básica “quase mágica” promovida pelo social que pode ser afirmada segundo os argumentos bourdieusianos como socialização. É contribuir para a contensão das pulsões, que se alicerçam “numa transação permanente” e que:

admite renúncias e sacrifícios em troca de provas de reconhecimento, de consideração ou admiração [...] por vezes explicitamente solicitados. Essa troca é altamente carregada de afetividade, na medida em que mobiliza por inteiro a pessoa de ambos os parceiros (BOURDIEU, 2001, p. 202).

É a incorporação do processo social sob a forma de afetos ou de punições entre socializador e socializantes, que instaura uma *hexis* corporal, gerando disposições que estabelecem o princípio de atos práticos que delimitam a fronteira mágica do conhecer e do reconhecer. Os atos socializadores são “desencadeados pela magia do poder simbólico” (BOURDIEU, 2001, p. 205). Aquele que é socializado contribui frequentemente “à sua revelia, outras

vezes contra a sua vontade” para seu processo socializador porque aceita de modo tácito e antecipado as fronteiras que lhe são demarcadas. A socialização se tece na

obscuridade das disposições do habitus, em que estão inscritos os esquemas de percepção, de apreciação e de ação que fundam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento e de reconhecimento, ambos práticos, mas profundamente obscura em si mesma (BOURDIEU, 2001, p. 207).

Não se trata de uma servidão espontânea nem de uma cumplicidade consciente e deliberada, mas de inscrever, de provocar e manter efeitos e disposições duráveis de esquemas de percepção, por meio de ações prolongadas, que lançam mão de inúmeros mecanismos capazes de governar, de educar, de treinar o agente.

### **Breves considerações**

Tendo como fundamentos os estudos de Bourdieu (2009, p. 89) podemos compreender que socializar é reforçar as disposições duráveis geradas por im/possibilidades, inscritas nas circunstâncias materiais que “engendram disposições objetivamente compatíveis”. Tais disposições, de algum modo, se adaptam às exigências desse processo que inclina o socializando a obedecer as regras; que induzem a fazer “da necessidade virtude, de recusar o recusado e a querer o inevitável” (BOURDIEU, 2009, p. 89). Isso se contrói relacionalmente nas “estruturas estruturadas e estruturantes” da herança familiar e do seu volume de *capital* que são geradores do *habitus* do agente ou dos grupos nas trajetórias percorridas. Essas distinções engendram diferentes processos de socialização que geram “a estilização da vida, ou seja, o primado conferido à forma em relação à função, à maneira em relação à matéria” (BOURDIEU, 2007, p. 13).

O princípio geral que está no fundamento da noção de socialização diz respeito à família, à herança de maneira geral, à herança familiar dizendo respeito ao modo específico como ela estrutura a experiência e, por meio dela as disposições; bem como ao tempo e distância da necessidade, *violência simbólica*, *illusio*, ao desejo de pertencimento, dentre outras possibilidades que con-

tribuem enorme para a definição da ideia quando inscritas nas práticas. Esses princípios repousam no peso relativo do capital econômico e do capital cultural do patrimônio herdado, que objetivamente constroem as condições de existência ligadas a uma posição determinada: a cultura ou a economia, a arte ou ao dinheiro, ao “poder espiritual” ou ao “poder secular” (BOURDIEU, 1996).

É um conjunto de sistemas de ação atravessados pelo agente no decorrer de toda a sua vida. O processo de socialização sob o crivo teórico-metodológico de Pierre Bourdieu tem o *habitus* como um dispositivo por excelência para integrar o agente ao mundo, desenvolvendo para isso inculcações que se “encarnam” de tal maneira que se tornam mecânicas, automatizadas e que se manifestam na *hexis* corporal, porque incorporadas de modo profundo, e delas o agente não se pode livrar de modo simples.

As aprendizagens familiares fornecem as premissas que permitem ou não um afastamento “da necessidade econômica, assim como o distanciamento objetivo e subjetivo em relação à urgência prática” (BOURDIEU, 2007, p. 54), às quais os grupos estão submetidos. Ainda alicerçadas nas ideias de Bourdieu (2007, p. 55), compreendemos que se destituir da “capacidade generalizada de neutralizar as urgências habituais e suspender as finalidades práticas, inclinação e aptidão duradouras para uma prática sem função prática”, é um privilégio a uma minoria concedido.

Os modos de adquirir indicam os modos de colocar as aquisições em prática; as maneiras de praticar constituem-se marcadores privilegiados que distinguem classe de distinção de grupos. Na obra *Meditações Pascalianas* o mesmo autor argumenta que “as provas vencem apenas o espírito”, mas os costumes as tornam mais fortes, dobrando o autômato, que “arrasta o espírito sem que ele pense nisso” (BOURDIEU, 2001, p. 22). Deste modo dentre as vantagens relacionadas ao nascimento,

uma das mais evidentes reside na disposição desprendida e altaneira [...] que se adquire em meio a primeira educação relativamente liberta da necessidade; essa disposição contribui, em medida significativa, para o capital cultural her-

gado ao qual ela se associa [...] sobretudo os mais formais, que exigem a capacidade de participar simultânea ou sucessivamente de diferentes ‘espaços mentais’ (BOURDIEU, 2001, p. 28).

Como já indicou Bourdieu (2007) *habitus*, gerados em contextos distintos torna coerentes as escolhas e levam a mobilizações familiares desiguais. Estas desigualdades que orientam as escolhas das famílias são dadas por condições sociais externas a elas e possuem um grande peso nas desigualdades experimentadas nos processos de socialização.

Ao serem socializados, os agentes percebem sua posição no jogo social; um jogo co-produzido pela aquisição na herança familiar, tempo e distância da necessidade, *violência simbólica*, *illusio*, desejo de aceitação e pertencimento contribuem enorme para a definição da ideia de socialização quando inscritas nas práticas cotidianas que opõem os agentes e os entregam à concorrência, visto que a “estrutura estruturada e estruturante” desse espaço distribui de modo desigual as distintas formas de capitais, que produzem posições raras e as vitórias que lhes correspondem.

## Notas

1 A disciplina Dominação e Reprodução Social: A Sociologia de Pierre Bourdieu é oferecida regularmente no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina pela Professora Dr<sup>a</sup> Ione Ribeiro Valle.

2 INRA: Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas de Paris.

3 As datas das obras referidas em língua francesa são da publicação na França.

4 Referimo-nos especialmente à sua dedicação ao estudo do sistema de ensino francês após a publicação das duas obras: *Les héritiers de 1964* e *La reproduction de 1970*.

5 Compreendemos “estruturas estruturadas” como um sistema objetivo de normas e relações previamente estabelecidas nos campos sociais e nos quais os agentes se posicionam e realizam suas ações. Nesse sistema objetivo não estão presentes as condições da experiência primeira, que formaram tais estruturas. Já as “estruturas estruturantes” são entendidas como as incorporações manifestas na forma de *habitus* (disposições duráveis) que não se constituem apenas os reflexos das vontades individuais, dadas pelo primado da ação, nem simplesmente por macro-determinações de combinações coercitivas, dadas pelo primado da estrutura. As “estruturas estruturantes” são fundadoras de práticas que podem ser reguladas simultaneamente (por estruturas estruturadas e estruturantes) sem, contudo, ser o produto unilateral da imposição direta de determinadas ordenações sociais.

## Referências

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 31 ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução Mari-za Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NO-GUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Tradução Sergio Miceli. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. Tradução de Cassia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniel Kern/Gulherme J. F. Teixeira. 1 ed. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes (Coleção Sociologia), 2009.
- \_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- CHAMPAGNE, Patrick. Prefácio. In: **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico/ Pierre Bourdieu; texto revisto pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais; Tradução Denice Bárbara catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais/tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.
- DURKHEIM, Émile. Objetividade e identidade na análise da vida social. In: **Sociologia e Sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- DURKHEIM, Émile. **Lições de Sociologia**: a Moral, o Direito e o Estado. São Paulo, SP: T. A. Queroz: Ed da Universidade de São Paulo, 1983.
- MELO, Marilândes Mól Ribeiro de. **“Não sei se valeu à pena ter sido professor, mas foi uma vida”**: convergências e divergências entre o projeto de modernização do governo catarinense e o corpo docente da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina (Década de 1960). (Tese de Doutorado). Orientadora: Ione Ribeiro Valle. Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), Florianópolis, SC, 2014.
- MICELI, Sérgio. Introdução. A emoção raciocinada. In: BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.
- PLAISANCE, Éric. Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação? In: **Percursos** Revista do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). V. 4, nº 1. Editora da UDESC. Florianópolis, outubro, 2003.
- VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, SP: FEUSP, v. 33, nº 1, jan/abr, 2007.
- \_\_\_\_\_. Pierre Bourdieu: a pesquisa e o pesquisador. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo (orgs.). **A trama do conhecimento**: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- WACQUANT, Loïq J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Rev. Sociologia Política**. Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002.

*Recebido em 09 de novembro de 2014.*

*Aceito em 22 de janeiro de 2015.*

